

UNIVERSIDADE FEDERAL DE RONDÔNIA (UFRO)
CENTRO DE HERMENÊUTICA DO PRESENTE

PRIMEIRA VERSÃO

ANO I, Nº22 - OUTUBRO - PORTO VELHO, 2001
VOLUME II

ISSN 1517-5421

EDITOR

NILSON SANTOS

CONSELHO EDITORIAL

ALBERTO LINS CALDAS - História
ARNEIDE CEMIN - Antropologia
FABÍOLA LINS CALDAS - História
JOSÉ JANUÁRIO DO AMARAL - Geografia
MIGUEL NENEVÉ - Letras
VALDEMIR MIOTELLO - Filosofia

Os textos de até 5 laudas, tamanho de folha A4, fonte Times
New Roman 11, espaço 1.5, formatados em "Word for Windows"
deverão ser encaminhados para e-mail:

nilson@unir.br

CAIXA POSTAL 775
CEP: 78.900-970
PORTO VELHO-RO

TIRAGEM 200 EXEMPLARES

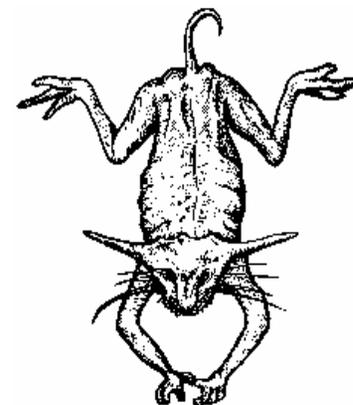
EDITORA UNIVERSIDADE FEDERAL DE RONDÔNIA

PRIMEIRA VERSÃO

ISSN 1517-5421

lathé biosa

22



**DO TEXTO AO HIPERTEXTO
DA LEITURA À HIPERLEITURA**

ALBERTO LINS CALDAS



Alberto Lins Caldas

Professor de Teoria da História

caldas@unir.br

DO TEXTO AO HIPERTEXTO

DA LEITURA À HIPERLEITURA

(...) quando um Coelho Branco (...) passou a correr (...). Não era assim uma coisa muito notável (...). Mas quando o Coelho tirou mesmo o relógio da algibeira do colete (...) Alice levantou-se como uma mola; (...) os coelhos não costumam andar de colete nem de relógio. A arder de curiosidade, correu pelos campos (...) atrás do Coelho e só teve tempo de o ver enfiar-se num grande buraco. (...) Alice pôs-se atrás dele (...) o buraco era direito como um túnel (...) parecia um poço profundíssimo (...) ou o poço era muito fundo ou então o tombo de Alice era muito devagar. (...) olhou depois para as paredes do poço e reparou que estavam cheias de armários e prateleiras, com mapas e gravuras pendurados. (...) Fundo, fundo, cada vez mais fundo.

Alice no País das Maravilhas
Lewis Carroll

O hipertexto, conquista e desnudamento dos instáveis labirintos do texto, chama certo tipo de leitura/interpretação por se expor sedutoramente como auto-organização, afastando a ilusão científica das Linguísticas e Ciências Humanas, indo além dos constrangimentos da voz num convite aos desvios infundáveis, às dessimetrias, às simetrias assimétricas, às instabilidades, às dissipações da leitura/leitor: emaranhado entre as vidas da experiência, as vidas da cultura e as vidas ficcionais [sem a Fé, sem a confiança num Deus (eixo de Dostoiévski), numa Escrita, num Livro, numa História, e num Homem, todas as forças são centrí-fugas, se mantendo o "conjunto", o "sistema", a "estrutura" da mesma maneira que o hipertexto, fluindo (aceitando flu-ir), se perdendo, se reorganizando a cada momento, sem Saber ou Natureza que o justifique, que o explique, que o retenha, que o retese].

Hipertextualizar não é concentrar, mas espalhar, dilatar em todas as direções: onívoro e carnavalizado: como o caminhante de Rousseau que se deliciava com idéias, imagens e sensações [o solitário enfrentando o silêncio e a incompreensão: a descorporificação do corpo: o deslimite como prazer: mais um corpo ainda preso às dicotomias naturalizantes do eu-mundo, interior-exterior, sociedade-natureza, presente-passado: o sofrimento de Rousseau: somente um "cidadão" incompreendido; um "ser natural" irrealizado; um adolescente velho] ou o flaneur de Baudelaire dispersava-se nas ruas da cidade, devorando-a sempre outra, com calma e multidão [sem domínio e sem exatidão, pensando-se livre da casa, do lar e do pequeno destino: sempre e ainda vestido do seu tempo, do seu limite, do seu ar, mas já em dissolução, atravessado de dúvidas, camaleão em nascimento, polpa moderna em formação, começo e fim de certo homem]. Vagabundear nas internetes, nas bibliotecas ou nos livros; nos sonhos, nas interioridades, devaneios ou imagens; não é dominar esses espaços, não é inscrever essa face, esse nome, esse corpo, essa ilusão de poder [a inscrição textual]: é dissolvê-los, vê-los como intertextos em fluxo: interatividade essencial: além do limite, incompletos, sempre incompletos: cada "instante" é um verbete, um link, um buraco de coelho: além da identidade, em plena diferença e desejo. Não mais uma máquina, mas um fora

que é um dentro: a virtualidade computacional exterioriza o “mecanismo de funcionamento” daquilo que nos faz ser. Haver alargado, complexificado, ficcionalizado a virtualidade é aquilo que nos cria ao pormo-nos a fluir, esse flu-ir que somos nós, mesmo ao nos cristalizamos numa “cultura” ou num “momento cultural”, num “estágio evolutivo”, ou “momento histórico”, numa forma, maneira, sistema, estrutura, modelo, sociedade ou linguagem.

Entrar no hipertexto é se estender e se espalhar nos meandros que nós mesmos vamos criando com um caminhar que vai prendendo e soltando, atando e desatando, trazendo e levando, inspirando e expirando. O hipertexto é esse caminhar, movimento de criação que existe somente enquanto espaço de desvios, sem suporte (ilusão naturalista), sem teto (recurso religioso), sem solo (artifício arquitetônico) e sem nome (a questão do autor e do leitor: Deus e a Natureza: a escrita e o suporte: o nome e a nomenclatura) [há um poder fechando o texto, dobrando a interpretação, disciplinando os fluxos, garantindo os sentidos, falsificando as multiplicidades, resolvendo as contradições, freando as polifonias, criando fantasmas [“temporários” invisíveis, “por baixo” do visível do programa] dóceis do texto (que não aparece como hipertexto, mas simplesmente como texto, como aquilo que pode, mas não deve ser ilimitado)]. A hiperleitura, como o próprio “existir humano”, não se conclui, não termina, não “fecha o ponto”: ao pensarmos o começo estamos no fim: ao pensarmos o fim estamos no começo, e fim e começo são somente momentos de um meio que deságua, deságua sempre numa rede sem entrada e sem saída, sem estrutura e móvel nos infinitos desvios sinuosos: hemorragia das identidades: qualquer ponto final é ilusão textual.

Mas o hipertexto não é feito de “páginas encadeadas”, textos que levam a outros textos: esta é a mecânica hipertextual, aquilo que é a visibilidade do hipertexto [o que conseguimos ver embriagados da milenar experiência do texto]: torná-lo uma enciclopédia faz parte das astúcias sobreviventes dos procedimentos da leitura, da escrita e da interpretação do texto: o hipertexto é a própria hiperleitura em seu movimento, em seu momento; o resíduo é a mecânica hipertextual: aquilo que fica no caminho é a rede e sua visibilidade textual [sempre pronta para reiniciar percursos]: a hiperleitura está sempre depois da materialidade textual sentida como mostruário, arquivo, biblioteca, “série de textos”: é por isso que o visível do hipertexto se parece com um encadeamento de simples textos, verbetes, comentários, notas: o hipertexto não está no fluxograma, mas no fluxo que se dissipa e se auto-recria. A rosácea em metástase, a rede, é a ilusão imóvel do movimento hipertextual; aquilo que fica é somente um encadeamento morto de textos: o hipertexto é o movimento que já atravessou a rede criando outros movimentos [assim como o livro é somente a carcaça do Livro; aquilo que atravessa: e a hiperleitura é aquilo que é somente enquanto é atravessado, enquanto é dito/escrito/inscrito].

O hipertexto exige, mais do que na tradicional “leitura do texto” [a hiperleitura se faz para dentro e para fora, modificando-os], uma atenção dispersiva, uma ação de hachi [não de garfo e faca: instrumentos de análise: linguagens, gestos e instrumentos de certa cozinha científica e filosófica]: o hipertexto ao fluir conosco como máquina caótica, heterogeneidades e diferenças, põe a fluir as imobilidades falsas da “página”, do “corpo”, da “leitura” (o dentro - o fora): ao acompanharmos o fluxo, as linhas de fuga, os alargamentos dos horizontes, as expansões, nos tornamos mais que leitores, mas o que sempre fomos e não víamos: hiperleitores escondidos tanto pela escrita religiosa (científica, filosófica, técnica), quanto pela leitura de prazer. E nosso corpo tradicional também se multiplica: não

mais um só olhar, um devaneio metodológico, um corpo anatômico [esquecido que o anatômico é hipertexto, é "criação histórica", é momento da "tribo ocidental" e não "realidade biológica", sequer uma "hegemonia tribal"], mas virtual numa busca que dispersa o fascismo monofônico da unidade e da identidade: somos e sempre fomos legião: a voz única, o único corpo, a escrita centrada são efeitos de discursos, cristalizações virtuais e não "realidade natural" [nossa grande criação: nosso "meio natural": linguagens cristalizadas: pele, cútis, crosta: cosmética fundacional esquecida de si mesma: toda "estrutura científica da realidade" é tão somente uma "dobra material" [a virtualidade se apresentando como realidade; o concreto como fundamento: a pele como o real], isto é, algo que esconde o virtual, criando uma "sociedade regida por leis", uma Natureza material: a compreensão virtual do mundo repolitiza o olhar para esses encobrimentos que não nos deixam ver que o mundo é mais fácil (ou mais difícil!) de revolucionar do que sempre teorizou nossa filosofia vã.]

A leitura/interpretação nunca foi "ato acabado", é verdade, mas sempre tendeu a uma "conclusão", a um "fechamento", a um "acerto", a uma "representação" [com uma linguagem própria, com idéias compatíveis, gestos tradicionais e normas convencionais: atividade disciplinada e disciplinar] curvando-se sobre si mesma; alegorizando como afastamento, mas sempre dentro do conhecido e respeitável; enquadrada por sintaxes e gramáticas fundadas no sujeito ocidental, cristão, burguês, universal e naturalmente histórico; criando conteúdos, matérias, objetos que alinhassem sua função, seu deleite; aceitando a "resistência dos materiais" sem avaliar completamente o próprio material da resistência como constitutiva, ou quase aparente, da leitura enquanto aquilo que naturaliza para se realizar na ação mesma de ler; não como uma reescritura que põe dessimetrias no limite de certos fluxos, mas como movimento eternamente tendendo ao circular [a leitura sempre diz dizer o mesmo, sempre deseja dizer o mesmo (sempre proclamando o diferente), reforçando identidades e criando uma aparência hipócrita de deslimite, de deslize, quando criava e cria tão somente notas, comentários, relações, comparações, divagações: glosas somente gulosas: diz aquilo-que-encontra, aquilo-que-está-lá, o existente: o *piccolo mondo* do antigo "pequeno-burguês" se transformando no Universo "único e possível"]. Da mesma maneira que sempre lemos o *mesmo livro* de formas diferentes (sentindo que não há um livro único, uma mesma matéria, mas movimento de reescritura, recombinações), sempre e novamente reformatado por nós, resignificado, o hipertexto ao não esconder que é sempre algo-se-fazendo e não algo-feito, algo que difere e somente diferindo existe [da mesma maneira que somos nós: mantemos o idêntico reconvertendo a diferença como se ela não existisse ou significasse], supera as ilusões tanto da autoria e do leitor quanto do suporte e do "texto crítico", exigindo com isso outra maneira de pensar e escrever.

A transformação do texto em hipertexto, dissolução daquilo que entendíamos como "suporte", limite e leitura, exige também e tanto a multiplicação da "voz hermenêutica" quanto a do "tecido crítico". Uma só linha, um só movimento, um só desdobramento, uma só temporalidade, uma só lógica, um só autor, um só método são suficientes somente para permitir ao texto unidimensões, pouco movimento, ações de engessamento e articulações tradicionais: leitura daquilo que está-no-texto, aceitando a seleção sob um nome, um corpo, uma voz. Torna-se claro que é preciso mover (ler, interpretar, analisar, escrever, surfar, deslizar, diferir) o hipertexto de maneiras diferentes do texto. Mas esbarramos em limites que não são somente limites da interpretação/leitura, mas limites fundamentais do imaginário e as regras dos antigos suportes e das maneiras como tínhamos para fazê-los "funcionar": lemos, escrevemos e refletimos com o hipertexto de uma

maneira completamente diversa do texto [apesar do hipertexto haver desvendado o mistério do texto: todo texto sempre foi hipertexto: o texto é um momento de certa leitura e da visibilidade do hipertexto: uma dobra hipertextual: uma cristalização hipertextual, assim como o corpo é somente momento de certa virtualidade].

O hipertexto (diferente do texto, não sendo também uma “nova forma de produzir, armazenar e consumir informações”, um além do texto), é forma de virtualidade singular, holograma polidimensional em constante crescimento e convulsão de infindáveis formigueiros; atmosfera virtual; fluxo de múltiplos “universos” se ligando a outros múltiplos “universos” além, antes, depois, dentro e a “universo” algum. A conexão entre esses “universos” não sendo objetiva, natural, histórica, social, cartográfica, mas virtual, se faz por “buracos de coelho” em fluxos e interpenetrações, como em Alice no País das Maravilhas. Sendo assim, comunga (esp[er]a]lha, re/produz, imita, possibilita) com a “natureza” da pele virtual que cobre o caos e que chamamos o real/o concreto [: o real é hipertextual: não somente enquanto ser mas enquanto “vida social”, fluxo comunitário, manutenção e suporte].

[Enquanto é possível se fazer um mapa do texto, com o hipertexto isso seria absolutamente impossível (o hipertexto não é somente um labirinto, mas um encadeamento multidimensional de labirintos que se confunde com o escrito, o falado, o vivido, o inventado, o humano e o próprio existente). Um mapa exige constância, limite, código, algo que jamais está-lá, representando somente seus próprios códigos, apresentando somente a si mesmo: algo que esteja continuamente se desconfigurando e reconfigurando pode somente ilusoriamente pensar uma cartografia, um fluxograma, uma maquete, um modelo, um esqueleto, um projeto, uma analítica. Uma ciência do hipertexto seria absolutamente ridícula, possível somente enquanto redução do hipertexto ao texto, da hiperleitura à leitura (nunca a leitura como reescrita). A “leitura científica do texto”, a “leitura ideológica do texto”, a “leitura religiosa do texto”, a “leitura filosófica do texto”, a “leitura política do texto” são tão somente regulamentações de um jogo pre[s]crito, com regras bem delimitadas dando a impressão de não caberem em si: tudo pre-figurações onto-lógicas da nossa ocidental maneira de existir].

O hipertexto (como um além do texto, pois desnaturalizado, posto fora da competência, do corpo, do mesmo e do Estado) é verdadeiro e falso ao mesmo tempo: nele está e não está todos os outros hipertextos, todos os possíveis buracos de coelho. No texto, para que houvesse uma leitura, uma verdade, uma realidade (coisas estranhas ao hipertexto) foi e é preciso que exista um Deus, uma Natureza, uma Realidade, uma Cultura, um Tempo, uma Verdade, uma Linguagem, uma Língua, um Dinheiro, um Leitor, um Código, uma Identidade, um Suporte, um Homem, uma Crítica, uma Disciplina: a “superinterpretação”, horror de todo limite tornado texto, o horror de Umberto Eco, é a própria essência desvendada tanto da linguagem [que é o próprio ser da virtualidade: modulações, ritmos, seleções, ordenamentos, limitações, regras que aparecem separadas das suas cristalizações, aparece como objeto, como algo-que-diz-o-ser e não como o próprio ser na sua dimensão de existir] quanto de qualquer “texto” (hipertexto), que não tem dentro nem fora; não é em camadas, em planos; não tem origem ou função; não é corpo nem espírito. Sendo fluxo polidimensional sem domínio não é “folha de papel” ou “tela de computador, não são “palavras escritas”, não são “palavras”, “frases”, “imagens”, pixels. Todas as dimensões do hipertexto se cruzam, se interligam, interagem, procriam, destroem-se, completam-se sem cessar

numa dimensão virótica, cancerígena, pestilenta: o horror dos baudrilards [: a ocidentalidade se apavora quando diante da alteridade, da diferença, da incomunicabilidade, da intraduzibilidade entre seres e mundo, entre tribos e linguagens, entre corpos e almas, entre presentes e passados].

Dessa maneira, a própria interpretação deve seguir a tendência de desdobramento hipertextual: a interpretação torna-se também hipertexto, pondo-se e transpondo, em todos os “elementos” possíveis e impossíveis, a si mesmo e ao hipertexto. Como virtualidade o hipertexto é rede, campo multidimensional conectado a outras redes, outros campos multidimensionais, outras atmosferas, todos instáveis e em movimentos diferentes em si mesmo. A interpretação deve fazer fluir os campos vivos do hipertexto e todos os campos que se conectam a ele, em novos hipertextos, conflituando e multiplicando assim seus estilos, objetos, perspectivas, tempos, vozes, leituras, tornando-se também interdimensional: multiplica-se para fazer fluir criando e recriando as multidimensões do hipertexto: hipertextualizando-se, o texto crítico perde sua lógica e sua pretensão a uma linguagem científica [como se fosse possível haver alguma “linguagem científica”, a não ser enquanto ilusão de certo discurso!], seus tradicionais limites, tornando-se, enfim, também “texto literário”: o texto crítico sobre o hipertexto passa a fazer parte da hipertextualidade do hipertexto analisado e vice-versa, aceitando o inconcluso e o ilimitado como uma das suas “maneiras de ser”.

O hipertexto, como qualquer “texto literário”, é o não-lugar, o inominável, o intocado, o intraduzível, o entre-mundos: exatamente porque é o lugar do fluxo, o traço da negatividade, o deslocamento do “sujeito humano universal” para os devires. Onde o universal, o nacional, o natural não se realiza, não se completa, não convence. [O hipertexto e sua reescritura são a própria essência do literário, daí porque nenhuma teoria conseguiu desvendá-lo, apreende-lo, explicá-lo: a “literatura” está sempre depois das linguagens estruturadas, saturadas de teoria, de mesmidade, de conformismo, de enquadramento. Ao mesmo tempo, o “literário” do hipertexto aponta para outra questão: ao não ser limite, objeto, coisa natural; ao não “provir” de nenhum “campo natural” (mas natural porque naturalizado!), o *contexto*, o *meio histórico*, a *autoria*, a *formação discursiva*, a *ideologia*, a *classe social* como fundamentos, como essência, como apoio teórico, como crítica, como explicação desaparecem, tornam-se *momentos discursivos* sobre o texto entendido como tecido, com bordas, centro, utilidade e posição num espaço-tempo: instituição com suas regras, matérias, verdades e mentiras, dizeres e não dizeres, poderes e não poderes. O hipertexto não é *discurso*, mas fluxo discursivo que é “utilizado” conforme sua produção, circulação, consumo: seu caráter (se tornar discurso) é dado segundo sua *apreensão*: é a apreensão que condiciona a força interna de configuração e expansão: é ela que cristaliza o fluxo em discurso, o flu-ir em estrutura, os devires em disciplina e corpo.]

O hipertexto conecta seus elementos através da leitura/escrita, mas essas conexões não são objetivas, reais, palpáveis: elas não “pertencem ao texto” mas a leitura/escrita, à interpretação, ao espaço entre hipertextos, aos campos entre os “buracos de coelho”. É a leitura/escrita que multiplica e faz fluir o hipertexto: em si mesmo ele não é, ele não é nada. Ou melhor, sendo fruto da escrita/leitura, sendo leitura viva, o hipertexto é possibilidade indeterminada do fluir: basta dar o primeiro passo: saltos e quedas, subidas e descidas no hiperespaço.

Todas as “teorias” podem e devem ser chamadas ao mesmo tempo para dialogarem com as instâncias hipertextuais. Cada momento dos desdobramentos é desdobrado por uma idéia diferente, por um mundo da leitura diferente, por vozes diferentes, por diferentes autores, diferentes tempos e experiências, diferentes

métodos, procedimentos, teorias, principalmente porque o hipertexto não-existe: desnaturalizado, desistoricizado, fora da "sociedade", o hipertexto se faz provisoriamente nos fluxos da hiperleitura e é dessa mesma maneira que o texto reflexivo, analítico, teórico pode alcançar sua "função", seu "objeto", sua "matéria".

É próprio da hiperleitura criar deslizamentos anacrônicos (sem dizer que "existe" no "texto", na "época" ou no "autor"). Sem anacronismo não haveria hiperleitura (movimento): sem a justaposição de enganos, ilusões, inarticulações; sem o diálogo entre fantasmas, corpos, matérias, sensibilidades distantes no tempo, no texto, na palavra; sem a separação daquilo que está unido, articulado, em ordem; sem alteridade se unindo e egos se desdobrando nenhuma leitura se realiza, nenhuma interpretação é possível [nenhuma "unidade textual" é possível a não ser enquanto naturalização].

A leitura é sempre uma leitura de enquadramento. Exige um autor, uma instituição, uma sociedade, uma história, um homem; um saber que delimite e conheça os códigos; uma matéria, uma competência, uma sincronia; um jogo com regras; poderes e espaços próprios.

O hipertexto é tapeçaria holográfica, "terreno poroso" (pântanos, areias movediças, labirintos, rizomas: pesadelos e sonhos: a passagem de um movimento, um ritmo, de sincronias diacrônicas) onde o leitor-coelho (o hiperleitor) fura seus buracos e galerias, sem que isso esteja no hipertexto, mas somente nos "formigueiros" em fluxos procriativos. Esses buracos e galerias não preexistem no hipertexto como materialidade textual (sentido, significado, código, signo, materialidades), mas como possibilidades virtuais, isto é, o hipertexto, sendo polidimensional, só pode ser lido/compreendido multidimensionalmente, mesmo que aparentemente siga um único método, uma única lógica, um único autor ou "escola interpretativa": sem ser hipertextual a dimensão crítica não consegue ler o hipertexto, precisando torna-lo sempre, e camufladamente, texto: o hipertexto exige tanto uma hiperleitura quanto uma "análise hipertextual".

Lewis Carroll em Alice no País das Maravilhas nos aponta movimentos nesse jogo, nessa viagem, nessa inesgotável reescritura: **quando um Coelho Branco passou a correr: o coelho branco** é a hiperligação, o *punctum* bartesiano que nos arrasta por passar **correndo**: esse passar, esse flu-ir já é por ter se configurado a rede: o que se põe a flu-ir não é mais um simples *ponto*, mas o próprio *ponto*, o buraco de coelho e aquilo que se descortinará em relação: **o coelho** aqui inicia a história (a hiperligação, a rede, os fluxos) enquanto hiperleitura: sempre fluxo textual mais amplo que ela mesma, vomitando e devorando, gritando e sussurrando criando e recriando, pondo e dispondo, sendo somente enquanto rede de devires: e com isso atrai todas as imagens do passar, do correr, dos coelhos brancos e tudo que nascer/procriar dessas "recordações"; **Não era assim uma coisa muito notável**: nunca é coisa notável: qualquer ponto aleatório se conecta a outro ponto aleatório (na hiperleitura) criando outro plano: a hiperleitura cria e abre articulações em movimento que unem e desunem o sentimental, o singular, as impressões, o emocional, os sentidos, os desejos, os sonhos, as memórias, as insignificâncias, os cotidianos à tradição, à cultura, ao pensamento, aos métodos, às disciplinas, ao escrito e à escrita, ao lido: ler-escrever-criar: hipertexto/hiperleitura; **Mas quando o Coelho tirou mesmo o relógio da algibeira do colete Alice levantou-se como uma mola**: o hermeneuta deve estar atento e "levantar como uma mola" atrás dos seus traços (talvez os *punctum* e os *biografemas* de Barthes, ou as clivagens de Bachelard) assim que seja acionado, buscando não somente as "visões de conjunto", a "filosofia do texto" ou mesmo as

microgramáticas [ponto hipnótico de certas Análises do Discurso] mas um processo de imersão e submersão, expandindo o minúsculo e miniaturizando o amplo: atraindo “visões de mundo”, mitologias, religiões, experiências para o ponto e ampliando esse ponto a essas dimensões, tornando campos de amplidão pontos compactos; **os coelhos não costumam andar de colete nem de relógio**: estar atento a suas próprias sensações e imagens pois nesse devaneio da leitura é onde se formata o próprio hipertexto e, conseqüentemente, os buracos de coelho e os universos textuais que se conectaram com o hipertexto: os elementos, no caso **colete e relógio** são os acionadores da busca: mas nenhum deles está-lá; **A arder de curiosidade, correu pelos campos**: a curiosidade, a paixão, a memória, o descuido, o sono, o dever, o cansaço, o prazer criam o campo multidimensional que é a hiperleitura, as articulações entre todos os buracos de coelho e todos os hipertextos, se fazendo não na “materialidade do texto” ou no leitor; **o buraco era direito como um túnel (...) parecia um poço profundíssimo**: além de ser um túnel é também composto de galerias e galerias de galerias: e o deslimite das galerias: que se abrem e se tocam e comungam numa grande massa hipertextual: mas essa profundidade é mais delgada do que uma pele: mesmo o absolutamente distante e o absolutamente minúsculo são tão somente partes discursivas dessa pele sobre o caos; **ou o poço era muito fundo ou então o tombo de Alice era muito devagar**: o tempo da narrativa e o tempo do hermeneuta e todos os tempos envolvidos se relativizam e correm mais lentos ou mais rápidos: o tempo é criado e recriado ali segundo critérios textuais, critérios da leitura: sempre múltiplos, os tempos trocam seus lugares, comutam seus olhares, reformatam seus objetos, interconectam seus corpos: e todos os tempos do hipertexto são o mesmo tempo presente da vida: o presente que, absolutamente fino, absolutamente nada, sem dimensão e sem natureza, se desdobra, criando a multidimensionalidade polifônica que possibilita *tudo*; **olhou depois para as paredes do poço e reparou que estavam cheias de armários e prateleiras, com mapas e gravuras pendurados**: os buracos de coelho são, por sua vez, hipertextos que levam a outros hipertextos: de um buraco de coelho, de qualquer momento de um buraco de coelho, pode-se criar outra galeria, chegando ou não a outro universo, a outro hipertexto [: vozes entre vozes, corpos entre corpos, olhares entre olhares]; **Fundo, fundo, cada vez mais fundo**: a profundidade do hipertexto não é linear, unitemporal: está sempre além do suporte e do significado, da mesma maneira que a virtualidade interior (alma, espírito, consciência, mente, psique, inteligência) não coincide com cérebro, com cabeça, com um dentro, mas com as próprias ilusões fundamentais do corpo: a espessura do hipertexto é a mesma da realidade, do concreto, do imaginário: a dimensão de uma pele, de uma finíssima cútis sobre o caos: mas nesse quase nada está vibrando o tudo.

Enquanto criação da hiperleitura o hipertexto carregará o leitor e toda a sua dimensão interior, toda a sua experiência, a sua língua, a sua gramática pessoal, seus enganos, acertos, desdobramentos. O “autor” é somente mais um reescritor que cristaliza momentaneamente num “texto”, sua hiperleitura: aquele que se deixou atravessar e dialogou com esse fluxo.

Desterritorializado o hipertexto é a conquista dos devires. Múltiplos espaços e múltiplos tempos, múltiplos nomes e corpos, interpolações e leituras, deslimites. Nesses devires a diferença conquista sua ontologia, a minoria sua voz, o silêncio seu fluxo, a linguagem sem lugar.

O tempo do hipertexto é o do desdobramento: não é o tempo da História/história (presente e passado): o tempo-presente que se desdobra ao mesmo tempo como passado-presente-futuro, criando uma ilusão tridimensional que vai caracterizar as experiências temporais da ocidentalidade.

Encontrar Agostinho, Dante ou Shakespeare num hipertexto que nos parece absolutamente estranho a tudo isso não quer dizer que esse hipertexto "contenha algo" [esperamos sempre que haja uma materialidade natural em tudo] de Dante, Agostinho ou Shakespeare: o leitor cria, cava e escava o "buraco de coelho" que faz a ligação entre universos textuais separados: jamais o que dizer-do-texto (naturalização): o dizer está sempre além, em fluxo conectivo. Ao mesmo tempo, "utilizar" ou "encontrar" Michelet, Sainte-Beuve, Comte, Marx, Freud, Lukács, Heidegger, Gilberto Freyre, Bakhtin, Campbell, Eliade, Bachelard, Haveloch, Foucault, Barthes, Deleuze, Eco, Meihy, Willemart, Lévy, Kafka, Proust, Joyce, Marxismo, Estruturalismo, Fenomenologia, Existencialismo, Análise do Discurso, Crítica Genética, Mitologias, Bíblia, Corão no "mesmo" hipertexto (gerando um "mesmo" hipertexto crítico), depende dos buracos de coelho e dos momentos textuais.

O que deve ser repensada é a leitura de um discurso apenas, de uma lógica, de um método, de um autor, de uma escola, de uma voz gerando um texto. A multiplicidade de dimensões do hipertexto exige tanto a multiplicidade interpretativa quanto a multiplicidade da voz hermenêutica: hipertexto que nascem juntos e se colam e se abrem para outros hipertextos.

BIBLIOGRAFIA

- BAKHTIN, Mikail. **ESTÉTICA DA CRIAÇÃO VERBAL**. Martins Fontes, São Paulo, 2000.
- CALDAS, Alberto Lins. **ORALIDADE, TEXTO E HISTÓRIA**. Loyola, São Paulo, 1999.
- _____. **NAS ÁGUAS DO TEXTO**. EDUFRO, Porto Velho, 2001.
- CANDIDO, Celso. **A CONSTRUÇÃO DA ÁGORA VIRTUAL**. <http://www.unir.br/~caldas/Alberto/construcaodaagora.html>.
- CARROLL, Lewis. **ALICE NO PAÍS DAS MARAVILHAS**. Editora Brasília, Rio de Janeiro, 1976.
- _____. **ALICE NO PAÍS DAS MARAVILHAS**. L&PM, Porto Alegre, 1998.
- CHARTIER, Roger. **A AVENTURA DO LIVRO: DO LEITOR AO NAVEGADOR**. UNESP, São Paulo, 1998.
- DELEUZE, Gilles. **PROUST E OS SIGNOS**. Forense-Universitária, Rio de Janeiro, 1987.
- _____. **LÓGICA DO SENTIDO**. Perspectiva, col. Estudos/35, São Paulo, 1998.
- ECO, Umberto. **INTERPRETAÇÃO E SUPERINTERPRETAÇÃO**. Martins Fontes, São Paulo, 1997.
- _____. **OS LIMITES DA INTERPRETAÇÃO**. Perspectiva, col. Estudos/135, São Paulo, 1995.
- FERRARA, Nelson Fiedler. **O TEXTO LITERÁRIO COMO SISTEMA COMPLEXO**. GÊNESE E MEMÓRIA: 4º ENCONTRO INTERNACIONAL DE PESQUISADORES DO MANUSCRITO E DE EDIÇÕES. Annablume, São Paulo, 1994.
- FRANCISCO, Deise Juliana. **CIBERIDENTIDADES**. <http://www.unir.br/~caldas/Alberto/ciberidentidades.html>.
- LANFER, Roger; SCAVETTA, Domenico. **TEXTO, HIPERTEXTO, HIPERMEDIA**. Rés-Editora, Porto, s/d.
- LÉVY, Pierre. **AS TECNOLOGIAS DA INTELIGÊNCIA**. Editora 34, São Paulo, 1993.
- _____. **O QUE É O VIRTUAL?** Editora 34, São Paulo, 1996.
- _____. **A INTELIGÊNCIA COLETIVA**. Loyola, São Paulo, 1998.
- _____. **CIBERCULTURA**. Editora 34, São Paulo, 1999.

- _____. **A EMERGÊNCIA DO CYBERSPACE E AS MUTAÇÕES CULTURAIS**. <http://www.unir.br/~caldas/Alberto/emergenciadocyberspace.html>.
- _____. **TECNOLOGIAS INTELECTUAIS E MODOS DE CONHECER: NÓS SOMOS O TEXTO**. <http://www.unir.br/~caldas/Alberto/tecnologiasintelectuais.html>
- _____. **PLISSÊ FRACTAL**. <http://www.unir.br/~caldas/Alberto/plissefractal.html>.
- MAINGUENEAU, Dominique. **NOVAS TENDÊNCIAS EM ANÁLISE DO DISCURSO**. Pontes/UNICAMP, Campinas, 1997.
- MANGUEL, Alberto. **UMA HISTÓRIA DA LEITURA**. Companhia das Letras, São Paulo, 1997.
- _____. **NO BOSQUE DO ESPELHO**. Companhia das Letras, São Paulo, 2000.
- ORLANDI, Eni Puccinelli. **AS FORMAS DO SILÊNCIO**. UNICAMP, Campinas, 1995.
- _____. **INTERPRETAÇÃO**. Vozes, Petrópolis, 1996a.
- _____. **DISCURSO E LEITURA**. Cortez/ UNICAMP, 1996b.
- _____. **A LINGUAGEM E SEU FUNCIONAMENTO: AS FORMAS DO DISCURSO**. Pontes, Campinas, 1996c.
- _____. **ANÁLISE DE DISCURSO: PRINCÍPIOS E PROCEDIMENTOS**. Pontes, Campinas, 1999.
- PERRONE-MOISÉS, Leyla. **TEXTO, CRÍTICA, ESCRITURA**. Ática, São Paulo, 1993.
- PRIGOGINE, Ilya. **O FIM DAS CERTEZAS**. Unesp, São Paulo, 1996.
- PRIMO, Alex Fernando Teixeira; CASSOL, Márcio Borges Fortes. **EXPLORANDO O CONCEITO DE INTERATIVIDADE**. <http://www.unir.br/~caldas/Alberto/interatividade.html>.
- RAMOS, Maria Luiza. **INTERFACES: LITERATURA, MITO, INSCONSCIENTE, COGNIÇÃO**. UFMG, Belo Horizonte, 2000.
- SALES, Cecília Almeida. **DIÁLOGO NA CRÍTICA GENÉTICA**. Annablume, Revista Manuscrita/5: 29, 35, São Paulo, 1995.
- _____. **JOGOS COM A REALIDADE**. Annablume, Revista Manuscrita/6: 71, 82, São Paulo, 1996.
- _____. **GESTO INACABADO: PROCESSO DE CRIAÇÃO ARTÍSTICA**. Annablume, São Paulo, 1998.
- WILLEMART, Philippe. **UNIVERSO DA CRIAÇÃO LITERÁRIA**. Edusp, São Paulo, 1993.
- _____. **ALÉM DA PSICANÁLISE: A LITERATURA E AS ARTES**. Nova Alexandria/FAPESP, São Paulo, 1995.
- _____. **A PEQUENA LETRA EM TEORIA LITERÁRIA**. Annablume, São Paulo 1997.
- _____. **BASTIDORES DA CRIAÇÃO LITERÁRIA**. Iluminuras/FAPESP, São Paulo, 1999.

VITRINE

SUGESTÃO DE LEITURA

A SOCIEDADE DO ESPETÁCULO **Comentários Sobre a Sociedade do Espetáculo**

GUY DEBORD
Editora Contraponto

RESUMO: O primeiro mérito de uma teoria crítica precisa é fazer parecerem ridículas, de imediato, todas as demais. Além disso, uma teoria concebida com a finalidade de se tornar geral deve evitar aparecer como visivelmente falsa; logo, não se deve expor ao risco de ser desmentida pela seqüência dos fatos. Mas também é preciso que seja uma teoria perfeitamente inadmissível. Que ela possa declarar mau, diante da estupefação indignada de todos que o acham bom, o próprio âmago do mundo existente, do qual ela descobriu a natureza exata. A teoria do Espetáculo satisfaz a essas exigências. Com essas palavras, Guy Debord realiza uma das mais impactantes críticas ao final do século XX.

SUMÁRIO: A separação consumada; A mercadoria como espetáculo; Unidade e divisão na aparência; O proletariado como sujeito e como separação; Tempo e História; O planejamento do espaço; A negação e o consumo da cultura; A ideologia materializada; Comentários sobre a sociedade do espetáculo.

Áreas de interesse: História, Filosofia, Análise do Discurso, Política, Economia.

Palavras-chave: História Social, Mudança Social, Modernidade, Século XX.

